

A arte como estímulo para se pensar na

MATERNIDADE

Texto por Cleane Barros

As manifestações artísticas como elemento difusor e propulsor do conhecimento sempre nos proporcionam um gatilho para novas reflexões. Elas nos levam a raciocinar em linhas diversas do pensamento a que estamos acostumados, nos impulsionam a questionar ideias preconcebidas, a observar novas nuances sobre determinados conteúdos, mostrando que a partir do que nos apresentam, conclusões variadas sobre um mesmo tema são possíveis.

Em suas tantas e diferentes leituras sobre a maternidade, as expressões artísticas também nos fazem refletir sobre um dos principais papéis sociais das mulheres que abraçam sua natureza biológica e escolhem dedicar grande parte de seu tempo e de sua vida aos deveres e prazeres da maternidade.

A sétima arte nos apresenta uma infinidade de personagens mães, e a partir delas, variados dilemas sobre a maternidade são abordados. As produções cinematográficas de 2021, por exemplo, nos brindaram com duas obras audiovisuais aclamadas por crítica e público e dignas de premiações ao redor do mundo, apresentando belíssimas metáforas sobre a culpa, o medo, a felicidade, a impotência e a coragem de figuras maternas fortes, uma em sua totalidade, como tema principal, e outra em um recorte menor dos assuntos abordados.

Trata-se, respectivamente, de “A filha perdida” de Maggie Gyllenhaal (2021), baseado no romance homônimo de Elena Ferrante e “Spencer”, de Pablo Larraín, escrito por Steven Knight, (2021) que nos traz um recorte de um período na vida da Princesa Diana, (claro que com uma enorme licença poética).

Os dois roteiros exibem duas belíssimas leituras sobre a maternidade, personificadas em dois modelos de mães que de certa forma se contrapõem, traduzindo que não há maternidade com experiência igual, há experiências e vivências diferentes e únicas.

A mãe retratada no primeiro filme abdica de suas funções maternas para alcançar outros sonhos pessoais; e, livre dos afazeres domésticos e maternos por grande parte da vida, como infere-se da história contada, não sente culpa ou arrependimento.

Sutilmente, no entanto, percebe-se um retorno ao que, à primeira vista, a atrai e a repulsa: sua condição de mãe, uma vez que gerou duas filhas. Esse comportamento de sedução e aversão é direcionado a um objeto, brilhantemente selecionado por sinal, que a aterroriza em grande parte do filme, mas que ela até cuida no final: a boneca perdida. A atitude de esconder a boneca da criança tem como finalidade afastar as lembranças aterrorizantes que o objeto lhe evoca e um desejo de quebrar o ciclo de padrões repetitivos de comportamentos sociais.

Em suas cenas finais, à jovem mãe que a visita, ela revela sua crença de que cabe às mulheres a decisão de abraçar ou não as funções de cuidado e criação dos filhos, tarefas que, na sua opinião, nunca serão tranquilas. Apesar de sua postura irreduzível, a personagem tem consciência de seu papel materno, tenta encontrá-lo em suas lembranças e nos questiona ao mesmo tempo se a condição de mãe é naturalizada pela sociedade ou intrínseca à natureza feminina.

A personagem é um tipo diferente de mãe, não agradável à maioria dos espectadores, talvez porque o padrão esperado esteja tão enraizado em um inconsciente coletivo que choca ver um desapego sem remorso.

Já, “Spencer”, na linha oposta à mãe do filme anterior, além de nos conectar a uma personagem da vida real dotada de enorme carisma, alicerçado por ações de humanismo e simpatia, nos apresenta uma mulher que, prestes a se ver livre de uma vida em que se sentia vulnerável e sufocada, luta para manter presente em sua vida quase que o único prazer que parece ter: as funções da maternidade, única condição em que deseja se colocar como prisioneira.

Em meio a uma multiplicidade de temas abordados e dilemas por que passa a personagem, o filme deixa transparecer que proteger os filhos e tê-los perto de si torna-se seu objetivo, sua força interior de sobrevivência e sua esperança, uma vez que essa convivência, já carente de naturalidade, será cada vez mais limitada. O retrato cinematográfico de mãe e filhos corresponde aos momentos mais delicados e felizes da trama, como querendo transparecer que para a mulher sofrida e angustiada, a maternidade, o cuidado e a proteção dos filhos, minimizam variadas e incontáveis dores e necessidades.

É uma leitura inquietante da maternidade, uma vez que situa essa mãe em um ambiente quase que fantasmagórico e aterrorizante, onde os espaços de não solidão no enorme castelo, parecem existir somente com a presença dos filhos. Sintetiza que tudo ao redor é um inferno, mas a maternidade é um paraíso. Ser mãe era a única certeza sobre si, seu papel social irrenunciável, símbolo de sua feminilidade. Especialmente para as mulheres, os dois filmes conseguem transpor as suas horas de exibição e volta e meia nos pegamos a refletir e pensar sobre a condição feminina e as maternidades ali retratadas, sobre nossos papéis sociais, o que nos torna felizes, o que nos satisfaz, se o desejo de ser mãe é uma característica inata ou construída, se pelo fato de não podermos estar tão presentes na vida dos filhos seremos implacavelmente julgadas e censuradas, se há um novo modelo de maternidade que fará tão bem às mulheres quanto aos filhos, se podemos falar em liberdade quando uma mulher se torna mãe, que a obrigação de guiar e cuidar dos filhos gerados existe mas é uma obrigação a mais, dentre tantas outras.



Kristen Stewart como Princesa Diana no filme *Spencer* (2021)